

"Ser", "fazer" e "mostrar fazer" na Caretagem de Bom Jesus da Lapa (BA): a presença de mulheres e crianças na festa como reinvenção de dinâmicas sociais e de gênero locais

Amanda Jardim

Doutoranda em Antropologia/Universidade Federal de Minas Gerais

<https://orcid.org/0000-0001-7394-115X>

jardim.am@gmail.com

Raphael Rodrigues

Professor/Instituto Federal Baiano

<https://orcid.org/0000-0002-5622-8886>

raphael.rodrigues@ifbaiano.edu.br

Capturados por uma estética que seduz pelo brilho, cor e magia, nós – um casal de antropólogos (uma mineira e um paulista), recém-chegados a Bom Jesus da Lapa (BA)¹ – vimo-nos subjugados pelos modos como os *Caretas* performam “sendo”, “fazendo” e a se “mostrar fazendo”² brincantes (Schechner, 2003). Em 2023, registramos o movimento da Caretagem na *Festa do Divino*. No furor do momento, o fascínio por aqueles personagens nos deixou em um entre-lugar, no limiar entre “ser forasteiros” ou “ser antropólogos”; assim, guiamo-nos pela razão de fotografar-etnografar. Numa espécie de turismo-pesquisa, focamos em figuras que nos pareciam inusitadas.

Anos depois, mais inseridos no contexto local, tornamo-nos próximos de mestres e mestras “da cultura”, passamos a integrar o *Boi da Privintina* e a articular com a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura na organização e no engajamento de eventos

1 O município localiza-se no oeste baiano, às margens do rio São Francisco. É conhecido como capital baiana da fé ou meca do sertão baiano devido a um grande número de peregrinos que a ele se dirigem vindos de todo Brasil. Nele ocorre a terceira maior romaria brasileira, em devoção ao Nosso Senhor Bom Jesus da Lapa.

2 “*Sendo* pode ser ativo ou estático, linear ou circular, que expande ou se contrai, material ou espiritual”; “*Fazendo* e *mostrar fazendo* são ações. *Fazendo* e *mostrar fazendo* estão sempre em fluxo, sempre mudando”; “explicar *mostrar fazendo* é uma compreensão que normalmente é da ocupação de críticos e estudantes” (Schechner, 2003).

ditos “culturais”. Muitas conversas passaram a girar em torno das romarias, das figuras “folclóricas” e dos festejos lapenses. Uma vez implicados em constituir Lapa como nossa terra de origem, propusemo-nos a pesquisar mais sobre várias manifestações referidas como “populares”, dentre elas a *Caretagem*.

Consagrados mestres e mestras “da cultura” pouco ou quase nunca davam destaque à presença de mulheres e crianças na *Caretagem* ao caracterizá-la. Embora numericamente menos expressiva, essa presença tem persistido ano após ano e é significativa por reconfigurar dinâmicas sociais e de gênero locais, uma vez que o folguedo suspende certa ordem normativa. Ao revisitar as fotografias tiradas há dois anos atrás, notamos que a reinvenção da ordem se faz no ritual, reinvenção essa destacada por nós no protagonismo infantil e feminino que toma a cena nas fotos. Os personagens fotografados são mães, bebês, crianças, mulheres trans e cis. Decidimos deixar esse protagonismo registrado em imagens nas páginas que seguem, já que há tão pouco escrito sobre os *Caretas* lapenses e a imagem é um elemento central nesse entendimento. Antes, porém, introduzimos alguns elementos para contextualizar a *Caretagem*.

Para além do turismo religioso, a cidade de Bom Jesus da Lapa também é palco de ricas e complexas manifestações culturais que refletem a diversidade e a história de seu povo. Dentre essas manifestações, destaca-se a *Caretagem*, um folguedo que possui elementos estéticos, musicais e performáticos. De acordo com registros da história oral local, a *Caretagem* surgiu de forma mais estruturada em 1912, tendo como berço as ruas da Bandinha, das Flores e do Machado. Esse ano marca um ponto de inflexão na história da manifestação, já que, nessa ocasião, formou-se um grupo musical consolidado com tocadores de flautas de pífano, cujos acordes embalam os movimentos oscilantes dos *Caretas*, tornando-a elemento indissociável da paisagem cultural da cidade, especialmente durante a *Festa do Divino Espírito Santo*.

A *Festa do Divino Espírito Santo* – também nomeada por *Cavalhada* ou, simplesmente, *Festa do Divino* – é uma manifestação envolta por simbolismos e significados religiosos cujas influências europeias são fortemente ressignificadas e repaginadas pela ingerência local. Realizada após o período pascal, apresenta representações das batalhas medievais entre cristãos e mouros. A *Festa* é marcada não só pela presença dos *Caretas*, como também pelas encenações (como a *roubada da princesa*), hasteamento da bandeira do Divino Espírito Santo, disposição de cavalaria e condução de procissões e missas católicas.

A *Festa do Divino* em Bom Jesus da Lapa³ é um evento multifacetado que reúne diversas expressões da identidade local. Além da *Caretagem*, o desfile principal conta com

3 A *Festa do Divino* não é uma celebração exclusiva do município baiano, ocorre como manifestação cultural em várias localidades do Brasil, especialmente nas regiões Centro-Oeste e Nordeste.

a presença de outros grupos e representações, como o *Bumba-meu-boi* (*Boi da Privintina*) e a *Marujada*. É centenária, tendo, em 2024, completado 112 anos de existência e sido reconhecida como Bem Cultural Imaterial do Estado da Bahia, em 2017 (CEC, 2019).

A *Caretagem* ocorre como uma espécie de prelúdio à *Festa do Divino Espírito Santo*. É uma manifestação cujos participantes usam máscaras aterrorizantes e trajes feitos de cetim que cobrem completamente o corpo para não serem reconhecidos. Esses personagens, chamados de *Caretas*, saem pelas ruas assustando as pessoas, brincando e interagindo com o público de forma descontraída e divertida. É comum haver uma concentração de *Caretas* na abertura da *Festa*, muito embora a performance dos personagens da *Caretagem* não seja definida por um momento ritual que delimite quando as ações, brincadeiras e provocações devam ser realizadas. Lançando sustos e correrias, que, simbolicamente, têm o propósito de espantar os *maus espíritos* para a chegada do *Espírito Santo*, eles se apresentam como “figuras que parecem saídas não de uma festa religiosa, mas do Carnaval, impregnando de graça terrena os domínios do sagrado” (Pardim, 2021).

Os *Caretas* se constituem como tais a partir de jogos lúdicos, “sendo”, “fazendo”, a “mostrar fazendo” o que é a *Caretagem*. A performance é altamente interativa e, em grande parte, improvisada. Eles usam a criatividade para inventar situações engraçadas ou surpreendentes, como perseguir alguém, fazer poses inusitadas ou imitar personagens famosos. Ao correr atrás das pessoas, fazem gestos que tanto podem assustar os espectadores quanto promover brincadeiras. Se a interação é o ponto alto da *Caretagem*, ela ocorre através dos movimentos executados de forma exagerada pelos *Caretas* que, ao imitar uns aos outros, criam passos que lembram danças de rua, além de vozerios em sincronia que ecoam nas vielas próximas ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, gerando um clima de alegria e descontração que envolve todos na festa, atraindo a atenção de locais e turistas.

Cada *Careta* pode ter um estilo próprio, o que torna a experiência única a cada ano. O anonimato – já que as máscaras e as roupas cobrem todo o corpo – permite que brinquem livremente, sem serem reconhecidos. Em Bom Jesus da Lapa, essa manifestação não só reforça a identidade local, preservando uma prática que faz parte do imaginário popular há muitas gerações, como também é transgressora. Há uma combinação de humor, interação, mistério e tradição, uma forma celebrativa que complementa a devoção e a fé; entretanto, é preciso reforçar o elemento de mistério e anonimato. A *Caretagem* pode ser entendida como um campo fértil para que aqueles invisibilizados e marginalizados ganhem a cena. Isto é, não apenas reforça a identidade local, mas também abre espaço para a subversão de normas sociais. A presença de corpos diversos, que escapam à norma

masculina e adultocêntrica, tensiona as fronteiras do que é esperado e permitido na tradição. A festa, como aponta Lélia Gonzalez (2021) sobre as festas populares no Brasil, é um espaço de ressignificação e transgressão.

Na véspera da *Festa do Divino*, os habitantes da cidade ficam a se entreolhar com espanto e admiração. Motociclistas passam pelas ruas carregando adornos de cabeça feitos de penas e fitas de papel crepom, molecotes transitam pelas calçadas portando seus chicotes de borracha e vestimentas inacabadas, e mulheres elegem tecidos de seda nas lojas de costura. Os sons emitidos pelos chicotes que vão ao chão provocam um estalo cujo ruído pode ser ouvido a média distância, tal como um estouro. Melodia em desarranjo? Talvez. Mas o fato é que os sons tomam conta da cidade. Nesse ínterim, dão-se indícios de que a *Caretagem* se forma como um ensaio do porvir, anunciando atores, performances e intenções.

A análise da performance na cultura popular brasileira, como destacam Hartmann e Langdon (2020), revela como rituais e festas são encruzilhadas onde diferentes temporalidades e agências se encontram. Nesse ponto, é interessante notar o protagonismo das crianças nesse movimento de ensaiar a *Caretagem*. São elas que dão saltos, gritos e rodopios pela vizinhança, usando fantasias emplumadas por fazer, máscaras de plástico e mantos (ou capas) para compor uma vestimenta incompleta e assumirem os papéis de *Caretas*. É comum que os adornos e vestimentas sejam confeccionados pelas mães, tias, irmãs, cujo cuidado com as roupas é colocado à prova pelas crianças em suas brincadeiras. Ao confeccionar suas produções, essas mulheres remontam histórias sobre a *Festa* e instruem as crianças sobre a *Caretagem*. Mulheres e crianças transformam com seus próprios corpos e estilos de brincar, nos quais o “ser” *Careta* e o “fazer” performático envolve um repertório de gestos e interações que é ao mesmo tempo herdado e improvisado.

Tradicionalmente, homens negros periféricos⁴ compõem o grupo majoritário dos *Caretas*. No entanto, atualmente, é possível encontrar mulheres cisgênero e transgênero se integrando à *Caretagem*. Com isso, a tradicional composição masculina e negra da *Caretagem* vem sendo reconfigurada com a presença de novas corporalidades e performances. Mulheres se apresentam trajando roupas largas e com os rostos cobertos; seus corpos nem sempre são evidenciados como femininos, no sentido biologizante,

4 Parte substancial dos *Caretas* advém de bairros periféricos de Bom Jesus da Lapa, localizados às margens do rio São Francisco. As narrativas dessa população subalternizada tomam forma nos relatos acerca da confecção da roupa que não deu certo por falta de dinheiro. Em alguns casos, famílias são apadrinhadas por figuras políticas e recebem os meios necessários para a confecção das roupas, outras herdam de gerações anteriores as vestimentas que são minimamente reformadas. Nota-se que a *Caretagem* é uma manifestação que envolve membros de um mesmo núcleo familiar, não sendo raro encontrar primos, pais e filhos, e mais recentemente mães e tias, vestidos de *Careta*.

circulam livremente como se não recaísse sobre eles o peso de uma sociedade patriarcal. O anonimato, garantido pelas roupas largas e máscaras, funciona como um dispositivo que permite borrar as marcações de gênero, como sugere a análise de rituais festivos em Cavalcanti (2018).

Os brincantes da *Caretagem* de Bom Jesus da Lapa (BA) – homens e mulheres (cis e trans) e crianças – se concebem a partir dos jogos de *aparecer* e de *desaparecer* em uma seara fecunda para a experimentação de identidades. Através do chamado para o lúdico, se apresentam ao público, turistas e moradores, ao passo que borram e colocam em dúvida o gênero do personagem-corpo, que faz correrias e algazarras. Configurada por meio de modos de “ser”, “fazer” e “mostrar fazer”, a *Caretagem* evidencia que a tradição é um campo vivo e em constante transformação.

A *Caretagem* de Bom Jesus da Lapa revela-se como um espaço privilegiado para compreender as transformações contemporâneas nas manifestações do que é entendido como “cultura popular brasileira”. A crescente participação de mulheres e crianças não representa apenas uma mudança quantitativa, mas uma reconfiguração dos próprios sentidos da festa. Através das categorias de Schechner, observamos como o “ser”, “fazer” e “mostrar fazer” dos *Caretas* se articulam com questões de gênero, geração e classe social, criando um complexo campo de experimentação identitária. O ensaio fotográfico aqui apresentado é um singelo exercício de captura da sensibilidade e criatividade com que diferentes corpos habitam e reinventam a *Caretagem*, registrados pelos olhares de dois antropólogos que, durante o processo de recém-moradia na cidade, deixaram-se ser capturados pelos atravessamentos e afetos provocados pela manifestação vivenciada.



Figura 1. Criança e adulto *Careta*.
Raphael Rodrigues (2023).



Figura 2. Crianças *Careta*.
Raphael Rodrigues (2023).



Figura 3. Mulher cis Careta.
Amanda Jardim (2023).



Figura 4. Criança *Careta* no colo de sua mãe.
Amanda Jardim (2023).



Figura 5. Mulher *trans* Careta.
Amanda Jardim (2023).



Figura 6. Mãe Careta.
Amanda Jardim (2023).



Figura 7. Vaqueiro da *Caretagem*.
Raphael Rodrigues (2023).



Figura 8. Criança e adulto *Careta* no fim da *Festa do Divino*.
Raphael Rodrigues (2023).

Uso de Inteligência Artificial

Não foram utilizadas ferramentas de IAG neste caderno de imagens.

Referências

Cavalcanti, Maria Laura Viveiros de Castro (2018). O ritual e a brincadeira: rivalidade e afeição no bumbá de Parintins, Amazonas. *Mana*, 24(1), 9-38.

Conselho Estadual de Cultura da Bahia (CEC) (2019). Patrimônio Imaterial: Festa do Divino é celebrada em todo o estado.

Gonzalez, Lélia (2021). *Festas populares no Brasil*. São Paulo: Boitempo Editorial.

Hartmann, Luciana & Langdon, Esther Jean (2020). Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil. *BIB-Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, (91), 1-31.

Pardim, Lucélia Borges (2021). *Inimigos Fiéis: rupturas e permanências nas Cavalcadas do Médio São Francisco - BA*. Dissertação de Mestrado, PPEC/Universidade de São Paulo, São Paulo.

Schechner, Richard (2003). O que é performance? (Tradução Dandara). *O Percevejo - Revista de Teatro, Crítica e Estética*, 11(12), 25-50.

Recebido em 25 de junho de 2025.

Aceito em 26 de novembro de 2025.

"Ser", "fazer" e "mostrar fazer" na Caretagem de Bom Jesus da Lapa (BA): a presença de mulheres e crianças na festa como reinvenção de dinâmicas sociais e de gênero locais

Resumo

O presente ensaio fotográfico analisa a *Caretagem*, folguedo tradicional que integra os festejos da Festa do Divino Espírito Santo em Bom Jesus da Lapa (BA). Assumindo uma perspectiva etnográfica, um casal de antropólogos examina como a manifestação articula lúdico, performance e subversão social. Estruturada no anonimato proporcionado pelo uso de máscaras e trajes que ocultam o corpo, o ritual viabiliza o mistério e a suspensão da ordem normativa. Observa-se o protagonismo emergente de mulheres (cis e trans) e crianças, já que tradicionalmente homens negros tomam a cena do festejo. As brincadeiras, correrias e chicoteios permitem, momentaneamente, a suspensão de certas normas ou padrões socialmente aceitos. O anonimato atua como um dispositivo que tensiona as fronteiras de gênero, classe e geração, desafiando a estrutura patriarcal e adultocêntrica. Desse modo, a *Caretagem* consolida-se como um campo empírico dinâmico, atestando que as festas populares constituem um lugar privilegiado para notar ressignificações sociais.

Palavras-chave: Caretagem; Bom Jesus da Lapa; Festejos Baianos; Crianças; Mulheres.

"Being", "doing" and "showing how to do" in the *Caretagem* of Bom Jesus da Lapa (BA): the presence of women and children in the festival as a reinvention of local social and gender dynamics

Abstract

This photo essay analyzes *Caretagem*, a traditional folk performance that is part of the festivities of the Feast of the Divine Holy Spirit in Bom Jesus da Lapa, Bahia. Adopting an ethnographic perspective, a couple of anthropologists examine how this manifestation articulates playfulness, performance, and social subversion. Structured around the anonymity provided by masks and body-concealing garments, the ritual enables mystery and the suspension of normative order. The emerging prominence of women (cis and trans) and children is observed, given that black men have traditionally dominated the festival scene. The pranks, chases, and whip-cracking allow, momentarily, for the suspension of certain socially accepted norms or standards. Anonymity acts as a mechanism that strains the boundaries of gender, class, and generation, challenging the patriarchal and adult-centric structure. Thus, *Caretagem* consolidates itself as a dynamic empirical field, attesting that popular festivals constitute a privileged site for observing social resignifications.

Keywords: *Caretagem*; Bom Jesus da Lapa; Bahian Festivals; Children; Women.